

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE MARIANA^(*)

Altino Barbosa Caldeira^(**)

A igreja de Nossa Senhora do Carmo de Mariana apresenta-se, àquele que a observa pela primeira vez, como um monumento de grande expressão arquitetônica. Foi construída em pedra e cal, a partir de 1783, quando a Mesa da Ordem Terceira deliberou construir uma nova igreja em substituição à antiga capela e contratar Domingos Moreira de Oliveira para iniciar as obras. Desconhece-se, no entanto, o autor do seu risco original. Pela observação de sua planta, reconhecemos o parentesco e as relações existentes com os outros monumentos religiosos do início do século XVIII. Podemos notar as evoluções que determinaram o seu partido e compreendemos o desenvolvimento dos estilos que se realizaram naquele século. O partido adotado acrescenta uma nova leitura tipológica ao representar o caminho percorrido do barroco ao rococó nos templos religiosos e que, ao mesmo tempo, corresponde a uma expectativa de mudança, acrescentando ao partido uma influência neoclássica. Sabe-se que a estética clássica, onde predomina a harmonia das proporções, foi adotada nas primeiras construções religiosas de Minas para atender a uma exigência estrutural e também a uma questão funcional. Este retorno às origens, no caso do Carmo de Mariana, vem renovar o apelo estético de *"fin de siècle"* que buscava uma expressão de conteúdo formal aliada a uma mais completa visão de mundo. A solução criada para a moderação dos vãos e suas relações entre cheios e vazios decorreram de uma questão construtiva, cujo resultado permitiu melhor integração entre forma e função.

As primeiras capelas adotaram partidos arquitetônicos que vinham atender ao mesmo tempo à celebração do culto e ao exercício de domínio da matéria. O resultado deste exercício nos remete a considerações de ordem social, política, econômica e filosófica:

^(*) O presente trabalho apresenta dados coletados pelo autor em suas atividades no IBPC, onde foi responsável pelo projeto de restauro e conservação da Igreja do Carmo de Mariana.

^(**) Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC•MG, Arquiteto do quadro da 13ª CR do IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.

- A consideração social diz respeito à variedade dos tipos humanos que afluíram às Minas em busca de riqueza, e que definiram um tecido social estratificado, o qual a religião procurou aglutinar;
- A segunda, de natureza política, tinha por interesse o domínio da condição humana, diante da manutenção da ordem e da liderança material e espiritual;
- A terceira, relação econômica, nos leva a interpretar o apogeu do ciclo do ouro como um fator preponderante no incentivo às novas e ricas construções religiosas;
- A questão filosófica finalmente se abre, para desvendar os múltiplos aspectos das causas e efeitos, relacionando as idéias com os fatos que se multiplicaram e conduziram o espetáculo daquele século ao seu próprio fim.

Assim sendo, não nos é possível analisar um monumento arquitetônico nas Minas do século XVIII apenas avaliando seus aspectos físicos. É preciso compreendê-lo em suas aparências e profundidades, comprometendo-se com o seu entorno e lançando um olhar cronológico sobre a sua existência física, ou seja, sobre aquilo que o antecedeu e o superou. Situada no antigo Largo do Pelourinho, hoje Praça Minas Gerais, tem de um lado a Igreja da Ordem de São Francisco de Assis e do outro a Casa de Câmara e Cadeia, agrupamento que marca, de maneira simbólica e agressiva, a reunião do poder espiritual e temporal, dimensionando a importância que a vida religiosa exerceu na sociedade de então, quando foi, segundo Germain BAZIN, "*o centro das manifestações onde se moldava a alma comum*".

O partido arquitetônico adotado na Igreja de Nossa de Mariana é definido por cinco áreas assim discriminadas: o Átrio, a Nave, a Capela-Mór, a Sacristia, o corredor lateral e a Capela do Santíssimo (*fig. 1*). Observa-se aí um retorno às formas quadrangulares da arquitetura portuguesa tradicional, apesar da grande "movimentação" arquitetônica que ocorreu à sua volta. Identifica-se em seu desenho um corpo central linear, formado pelo conjunto – átrio, nave, capela-mór – que é resultado da purificação e do aperfeiçoamento do partido adotado pelos arquitetos no decorrer do século XVIII, com a dimensão de matriz. No entanto, incorporam-se a este volume central uma capela lateral à maneira tradicional e uma sacristia acrescida de um corredor, que facilita o acesso a ela pelo exterior ou em sentido contrário, utilizando o esquema também clássico (ou tradicional) das construções da primeira metade daquele século. Esses "anexos" apresentam-se com pés-direitos

menores que a nave ou capela-mór e volumes rebaixados em relação ao central, favorecendo o destaque do mesmo na paisagem. A justificativa para esta solução plástica está ligada também a fatores econômicos, conforme se constata pela cronologia de sua obra. Considerando sua dimensão, a igreja foi construída por etapas. Devemos considerar ainda que a situação de confluência de duas ruas propiciou um condicionamento natural para a existência de um corredor lateral, como também para o rebaixamento dos telhados, solução que veio permitir uma melhor adequação do monumento à escala e ao ritmo das construções vizinhas. O casario ao seu redor parece ajoelhar-se em submissão à sua grandeza. A Igreja queria sobressair-se e, ao mesmo tempo, *participar*. (fig. 2)

O volume, de altura intermediária, cuja área interna corresponde à Capela-mór, une-se ao volume mais alto, correspondente à nave, através de uma empena, onde internamente se localiza o arco-cruzeiro, característica que se manteve desde as primeiras construções religiosas, embora este sistema tenha sofrido modificações em questões de volume, quando se trata por exemplo, de São Pedro dos Clérigos de Mariana ou Rosário de Ouro Preto, ou mesmo a variante proposta por Antônio Francisco Lisboa em São Francisco de Assis, também de Ouro Preto. Vale lembrar que a construção da primeira fase do Carmo de Mariana esteve a cargo do mesmo construtor dessa igreja, o hábil Domingos de Oliveira.

As torres, localizadas em planta apenas um pouco salientes em relação ao plano das fachadas laterais, reduzem o átrio a um confinamento da nave, criando, para os fiéis, um espaço de preparação para a celebração do culto, pelo mecanismo do alargamento da visão do indivíduo no espaço amplo que a seguir se apresenta.

Numa ligeira curva saliente, necessária à concretização do volume da escada de pedra que conduz ao coro, criou-se um leve arco externo que, por si só, dá início à fachada principal. Esta solução, em planta, lembra aquela adotada na parede lateral do Carmo de Ouro Preto, quando, para remediar as falhas ocorridas no primeiro risco, por interferência do Aleijadinho, criou-se um aumento na espessura da parede lateral, ao dispor dentro dela a escada em hélice que conduz ao púlpito. No caso do Carmo de Mariana, esta solução, embora em dimensões maiores, é adotada para realçar a forma das torres (fig.2). Estruturalmente, as três pilastras externas e laterais da torre vêm valorizar, pelo efeito de verticalização, as fachadas da igreja, arrematando a fachada principal com elementos em ressaltado de pedra aparente, em contraste com a massa caiada branca de alvenaria de pedra em plano recuado. A

solução adotada pelo mestre do risco, ao agregar as torres ao corpo da nave, dando-lhe continuidade, propiciou a valorização das fachadas, enriquecendo-as através das variações de tratamento das superfícies da pedra, com a alvenaria revestida e caiada, e os cunhais e cimalthas em pedra lavrada. Ao alcançar o nível do beiral, uma grande e extensa cimaltha contorna o monumento, emoldurando os planos de fachadas e antecipando o assentamento da cobertura.

Sobre o volume principal representado pela nave e coro, um telhado de duas águas com uma suave mudança de inclinação sobre o beiral, se retrai atrás do frontão para dar lugar às torres. Este telhado, coberto com telhas de barro do tipo meia-cana, esconde-se atrás do frontão e na altura da parede do arco-cruzeiro é arrematado por dois pináculos com embasamento de pedra, um em cada ângulo dos cunhais e por outro na linha de cumeeira, encimado por uma cruz de pedra. O rebaiamento existente no telhado da Capela-mór traz também uma cruz de pedra no vértice da fachada posterior, organizando a composição, à qual veio a ser agregado posteriormente o prédio do noviciado, hoje ocupado pelo Seminário Menor. O efeito resultante do desnivelamento destas coberturas revela uma organização espacial de intensa harmonia (fig. 3).

Voltando à fachada frontal, é interessante observar que ela possui um enquadramento cujas proporções se repetem, dividindo-a em dois retângulos de mesmas dimensões abaixo e acima do beiral, considerando-o como ponto médio entre o piso da entrada e o topo das torres.

A parte inferior da fachada é coroada com um grande arco de círculo que se abre a partir do ponto em que a linha horizontal da cimaltha real cruza com a direção da linha vertical da lateral interna das torres. Este arco se abre para dar lugar a um óculo quadrifolhado irregular, situado no centro da composição. O frontispício é rigorosamente simétrico. Segundo Carlos DEL NEGRO, *"a moldura do óculo é em pedra sabão azul e ornamentos verdes, constituídos de enrolamentos que delimitam uma área atapetada por concheado largo e plano, cujas bordas inferiores terminam em acanto"*. A solução da cimaltha é semelhante à que ocorre no Carmo de São João Del Rei. O frontão superior, como uma empena, se resolve em curvas e contra-curvas até a cruz central que se encontra apoiada sobre uma forma conchóide. Estando recuadas as torres, esta empena se arremata junto ao centro de cada uma delas, onde dois círculos mostram a intenção de serem mostradores de relógios (fig. 4A e 4B).

O arco de círculo da cornija que sustenta o frontão é recoberto com duas fiadas de telhas, o mesmo acontecendo na parte superior da cima-

lha das torres. Estas se destacam como formas independentes, dispostas em posição levemente recuadas em relação ao frontão como no Rosário de Ouro Preto. Sua forma cilíndrica, com os mesmos ressaltos da base, é coroada por elementos à feição de sinos, com uma agulha de pedra no centro superior.

A portada, bem como todo o enquadramento dos vãos são de pedrasabão, com verga e sobreverga no estilo rococó, encimada por um belo escudo onde se distinguem dois anjos esculpidos, tendo ao centro um brasão. Ela imita o estilo difundido pelo Aleijadinho. A verga composta de aduelas, traz na chave superior a representação do Sol, com olhos, boca e nariz, cercada de raios (fig. 5).

Numa forma evolutiva das seteiras (janelas verticais estreitas que funcionavam também como recurso de defesa), pequenos vãos localizados na parte inferior da elevação frontal trazem iluminação natural ao interior dos cilindros das torres.

Outro pequeno óculo, localizado no ponto central do frontão, permite a circulação de ar entre o forro e o telhado, e também iluminando a passagem "possível" entre as pernas das tesouras, no vão entre a abóbada do forro e as telhas da cobertura. As tesouras de madeiras, em aspas altas, em números de trinta e uma, sobre a nave, estão espaçadas a intervalos médios de 60 cm, à maneira de caibros armados. Entre estas tesouras e o pé-direito de treze metros da nave central, está o forro curvo de madeira preso às cambotas que vencem um vão de onze metros, de um lado ao outro da nave, apoiados sobre as cimalthas internas de pedra, as quais estão decoradas com marmorizado em faiscado. A pintura artística deste forro, em estilo rococó, representa a Virgem Maria entregando o escapulário a São João Stock, com o menino Jesus no colo, entre anjos e nuvens.

O forro do coro, sem pintura artística, é de madeira e acompanha a curva dos cambotas situados abaixo das tesouras da cobertura estreita, que fica entre as duas torres.

Os elementos artísticos agregados ao bem imóvel vêm complementar os espaços reservados ao culto, harmonizando-o com a pesada construção de pedra e cal:

- O paravento apresenta entablamento clássico com coluna arredondada, à maneira das que apóiam o coro do Carmo de Sabará. Sua parte mais alta, no centro da viga que sustenta o coro, apenas sugere um apoio, mantendo sua leveza intacta (fig. 6). A presença do paravento,

dividindo o átrio da nave, obriga os fiéis a seguirem o caminho da direita, lado da epístola, ou da esquerda, lado do evangelho, para penetrarem na nave. O piso do átrio é de pedra cortada em grandes blocos e o piso da nave é em tabuado de madeira sobre barroteamento. Logo à entrada da nave existem duas portas laterais, uma de cada lado. A da direita permite atingir a rua, sendo também uma opção de entrada. A segunda, do lado esquerdo, conduz ao pátio interno, onde existe um jardim;

- Os púlpitos, localizados nas paredes laterais, no centro da nave, têm bacia de pedra lavrada. Acompanhando as paredes há um entablamento elevado no piso, cercado por uma balaustrada de jacarandá torneada, definindo uma área de circulação;
- De cada lado do arco-cruzeiro, à esquerda e à direita dos limites frontais da nave, alinham-se os retábulos laterais, um dedicado a São João da Cruz e o outro Calvário, ambos possuidores de valiosa talha com fundo preparado em branco, prontos para receberem o douramento que não ocorreu;
- O arco-cruzeiro, imponente com suas pilastras coríntias de pedrasabão, é arrematado no fecho por uma aduela em rocalha. Sobre este arco, a cimalha interna que percorre toda a nave se eleva, acompanhando o efeito de ascensão causado pelo arco. Aí a cimalha deixa de ser de pedra e passa a ser de estuque, da mesma fibra que foi usada na Cúpula da Capela, de que vamos tratar a seguir (fig. 7);
- A capela-mór (fig. 8), localizada imediatamente atrás do arco-cruzeiro, tem uma cobertura em abóbada ogival, do tipo barrete de clérigo, feita de estuque de sizal e palha de coqueiro, armada com cambotas de madeira e suspensa por uma tesoura-mestra de madeira (fig. 9). Internamente, o efeito decorativo da abóbada é fornecido “através das artes ornadas com festões dourados que se unem ao centro para formar um florão do qual pendia um lampadário de prata”, cuja localização é hoje ignorada;
- O altar-mór apresenta um trabalho de talha muito rico e raro, com douramento e pinturas no camarim. Possui

“banqueta reta moldurada, laterais curvas em voltas, com talha de acanto, rocalhas e frisos curvos. Elementos de sustentação em um par de colunas externas, apoiadas em mísulas decoradas. Fuste canelado e frisado, terço inferior retorcido, marcado por anel de folha de acanto. Capitel compósito. Par de quartelões internos, embasado

em mísulas com acanto, elementos fitomorfos, elemento auricular, decoração com cabeça de anjo ao centro e arranjo de flores atado por laço em cascata, capitel rococó. Entablamento em cimalha escalonada. Coroamento em arco com talha rococó, par de volutas com acanto e flores nas extremidades, parte superior em respaldo côncavo raionado, fechado por arcos com talha rococó e rosetas. Fragmentos de frontão sobre entablamento com talha fitomorfa e rocalha na parte superior. Ao centro grande tarja recortada com rocalhas, cascata de flores nas laterais e centro com monte recortado, trindade de estrelas e cruz, arrematado por coroa real, sustentada por dois anjos vestidos de azul. Camarim com forro em abóbada de berço, com laterais apresentando pintura floral, cimalthas, arco com talha ao fundo. Trono em sete degraus trapezoidais, alternados em retos e abaulados, com frisos e talha de acanto e rocalhas. Dossel com laterais recortadas com talha e coroamento em elementos curvos e talha fitomorfa" (SANTOS, 1992).

O piso da Capela-mór é dividido em dois níveis, com o supedâneo (piso superior) e a escadaria em pedra lavrada ou assentada, e o piso inferior em tabuado de madeira larga.

De cada lado da Capela-mór, em situação simétrica, existem duas portas que dão acesso à Capela Lateral, à esquerda e à Sacristia, à direita. Estes dois cômodos apresentam ambos o forro em madeira, sendo o da sacristia do tipo saia-e-camisa e o da capela lateral em frisos que acompanham a inclinação das tesouras. O piso da sacristia é de tijolo cerâmico, bem como o do corredor lateral. O piso da capela é de madeira com tábuas estreitas.

Existe atualmente uma ligação das capelas com o prédio do antigo convento, construído anexo à parede posterior do templo.

As portas e janelas da Igreja do Carmo de Mariana são todas em madeira trabalhada, com detalhes almofadados em relevo, na cor azul claro, com enquadramentos em madeira, pintados em óleo cinza claro. Há variações nas cores das esquadrias, que podem estar pintadas em óleo verde, externamente, e em vermelho sangue de boi, internamente, como é o caso das janelas laterais do lado da rua. Estas, além das grades de proteção fixas nas paredes internas do enquadramento de pedra, apresentam caixilhos de madeira com molduras em branco, com vidros lisos usados na vedação.

As janelas laterais que se voltam para o pátio interno possuem guilhotina em caixilho de madeira, também com grades, só que deste lado as

grades são retas e entaladas ao enquadramento, sem barriga.

Existe um belo trabalho de guarda-corpo em pedra-sabão no parapeito das janelas frontais, que também podem se considerar portas, por apresentarem folhas inteiriças. O enquadramento delas apresenta frios externos que valorizam e realçam a sua moldura. As folhas destas portas têm detalhes almofadados entre abertura central, com moldura de madeira envolvendo vidro e postigo.

Os óculos da Capela-mór e as janelas altas laterais possuem caixilhos em ferro fundido, formando uma trama ortogonal que recebe placas de vidro liso, e estão fixas ao enquadramento de pedra. Estes, no caso dos óculos da capela, são trabalhados com curvas e contracurvas, resultando num belo desenho (fig. 10).

As ferragens da época guardam interessantes soluções técnicas, com encaixes e elementos pivotantes e rotativos.

A balaustrada do coro da nave é composta de suportes fixos alternados de madeira trabalhada e torneada, sendo que no coro os balaústres apresentam duas variações e na nave três, ambas com seção circular (fig. 11).

CRONOLOGIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO - MARIANA

- 15.05.1751: Fundação da Ordem Terceira das Carmelitas
- 1759: Aquisição do terreno. Ereção da Capela do Menino Deus.
- 1762: José Pereira Arouca (construtor da Casa de Câmara e Cadeia) iniciou obras na Capela alterando a localização do coro.
- 1764 e 1765: Antônio Coelho Lamas efetuou pinturas na Capela.
- 1768: Foi pintada a Capela-Mór. Manoel da Costa Athaide recebe por serviços não especializados.
- 1783: **A mesa da Ordem resolveu construir a igreja.**
- 1784: É contratado Domingos Moreira de Oliveira que pelos próximos dez anos, executa as obras preliminares da igreja.
- 1793: Romão de Abreu, carpinteiro, é chamado a colaborar, prometendo dar pronta "na presente seca" da Capela-Mór para ser coberta de telhas. A José Meirelles Pinto cabe a execução da obra de talha da porta principal.
- 1794: Contratado Custódio de Freitas Guimarães para tomar conta da obra. Sebastião Gonçalves Soares recebe pelo feitio de dois anjos de pedra para o frontispício.

- 1797: O irmão do Aleijadinho, padre Felix Antônio Lisboa, executa o risco da talha do altar-mór.
- 1799: José Bernardes de Oliveira é chamado para dirigir as obras. Francisco Machado da Luz executa obras de carpinteiro no corpo da igreja, arrematando em 1801 o resto das obras.
- 1818: Iniciam-se as obras da Capela do Noviciado. Contratado Francisco Machado da Luz, a quem cabe também executar o corredor que servirá de sacristia.
- 1819: Manoel Dias executa obras no retábulo.
- 1823: Providenciados os sinos. Resolve-se nesta data desmanchar a capela velha, erigindo-se neste local novo frontispício. Francisco Xavier Carneiro executa o douramento do altar-mór. A sacristia e o corredor do lado são executados por Joaquim José de Souza.
- 1827: Execução dos altares laterais e pintura do teto e do corpo da igreja.
- 1835: **Conclusão das obras.**
- 1840: A igreja recebeu auxílio para obras de conservação.
- 1881: A Ordem recebeu do governo estadual recursos para limpeza externa da igreja.
- 1916: Procedeu-se à caiação da fachada.
- 1930: O seu telhado foi restaurado.
- 1939: **A Capela foi inscrita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no livro de Tombo das Belas Artes.**
- 1953/54: Foram feitas nova revisão no telhado, substituição do assoalho e remoção de pintura a óleo do cancelo, colocação de pára-raios e pintura geral interna e externa.
- 1987: Iniciada a recuperação completa da cobertura pelo SPHAN/Pró-memória, sendo contratada a construtora Walter Coscarelli. Foram substituídos o madeiramento e entelhamento da Capela-Mór, Capela lateral e Sacristia, tendo sido realizado o levantamento cadastral completo do monumento.
- 1988: Foram adquiridos pelo Escritório Técnico da SPHAN de Mariana parte do material necessário à restauração da estrutura do altar-mór, da cúpula de estuque da Capela e peças de fiação para a nova instalação elétrica.
- 1992: Executado o projeto arquitetônico de restauro e conservação completa da igreja, na 13ª Coordenação Regional do IBPC, pelo Arquiteto Altino Barbosa Caldeira.

SITUAÇÃO ATUAL

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Mariana encontra-se neste momento interditada para o culto. Tratando-se de um monumento religioso de grande importância na história e na cultura do povo minei-

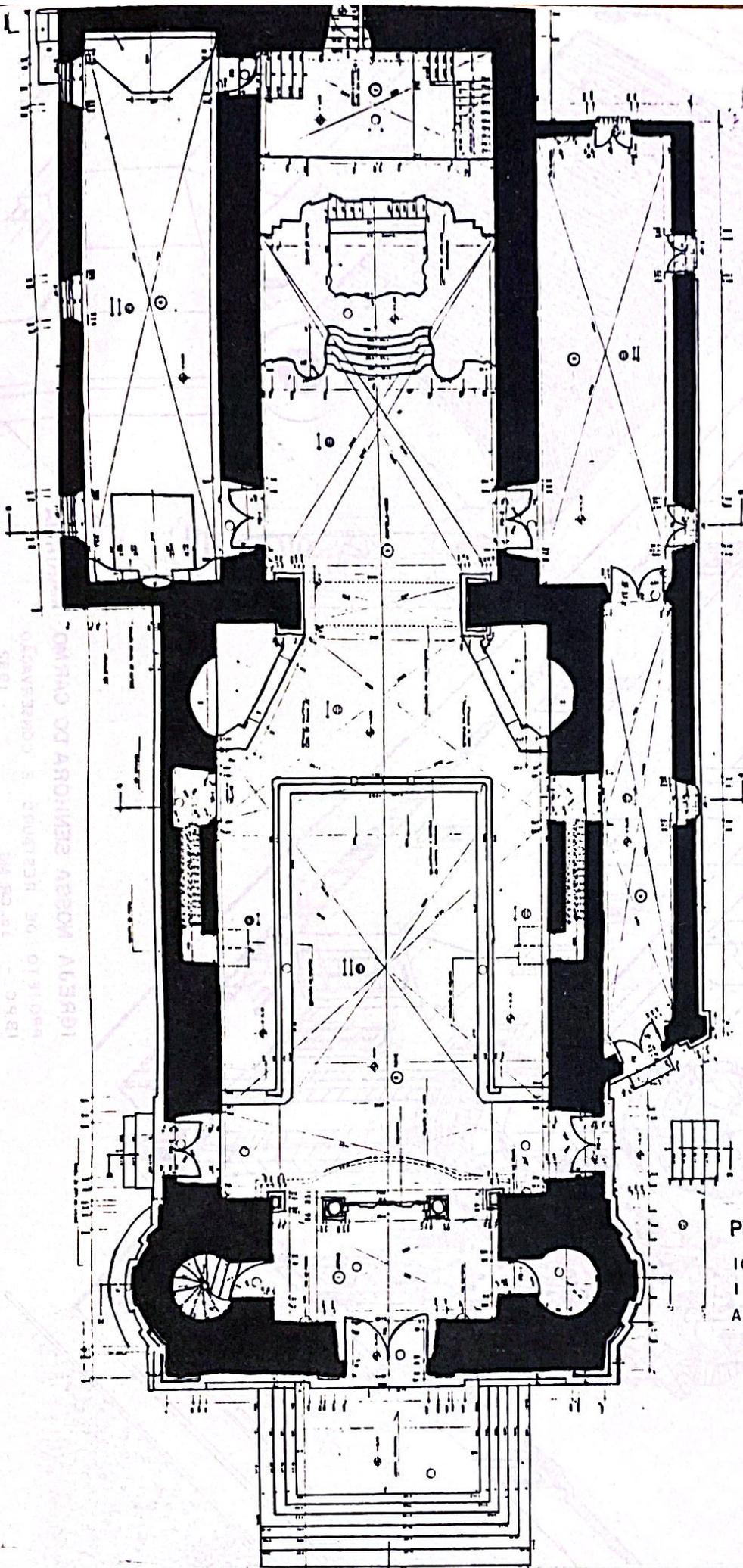
ro, estão sendo feitos todos os esforços possíveis para viabilizar sua restauração completa.

O madeiramento da cobertura da nave, que se acha em más condições, devido ao apodrecimento das peças por ataque de cupins, precisa ser totalmente substituído.

Tanto os forros da Capela-Mór, como o do coro e o da nave, este com pinturas artísticas, necessitam de substituição do suporte e consolidação estrutural.

Os elementos artísticos integrados, tais como forros pintados, altares, retábulos, paravento, púlpitos, bem como peças do assoalho, guarda-corpo e escadas, devem ser objetos de recuperação e conservação.

Dada a sua localização privilegiada no coração do núcleo histórico de Mariana, primeira capital de Minas, ao lado de dois outros monumentos (Casa de Câmara e Cadeia e Igreja de São Francisco de Assis), que com ela compõem um conjunto único e expressivo do nosso período colonial, a Igreja do Carmo é o retrato da época em que a riqueza que se originou da exploração do ouro criou uma sociedade estratificada e cheia de contradições. As Irmandades, cujo papel agregador das comunidades sócio-religiosas, que disputam entre si o poder material e espiritual, forneceram para as gerações futuras legados que perduram e devem permanecer em nossa memória. Esta edificação representa, em especial, um exemplo daquele período que, embora tão contraditório, tenha trazido à tona os primeiros sinais de liberdade artística e independência política de nossa sociedade.



PLANTA NÍVEL TÉRREO

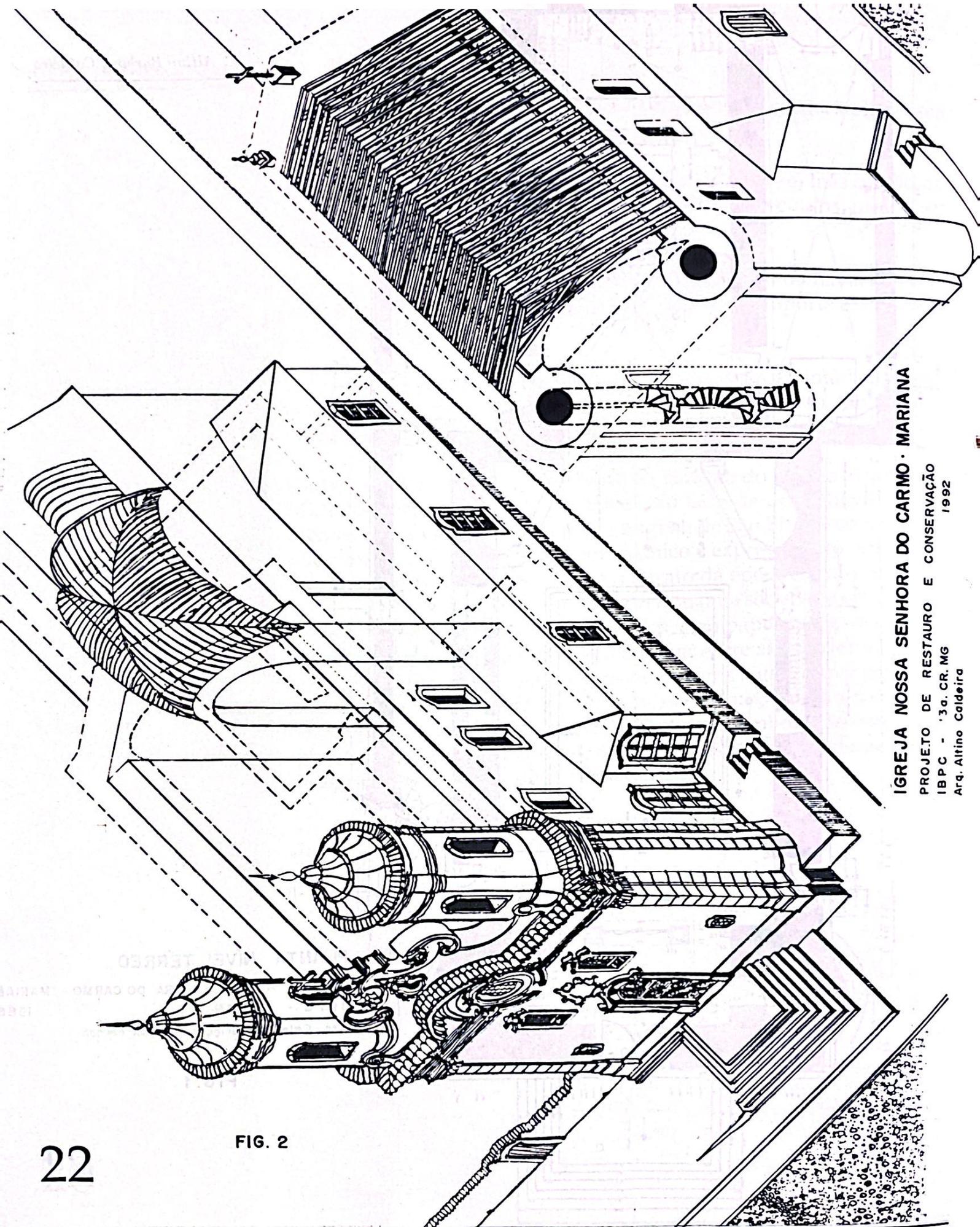
IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO · MARIANA

IBPC - 13a. CR. MG

1988

Arq. Celeste Rodrigues e Miguel Ferman

FIG. 1



IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO - MARIANA

PROJETO DE RESTAURO E CONSERVAÇÃO

IBPC - '3ª. CR. MG

1992

Arq. Altino Caldeira

FIG. 2

FACHADA LATERAL ESQUERDA

IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO · MARIANA

1988

IBPC - 13ª.CR. MG

Arq. Celeste Rodrigues e Miguel Fernan

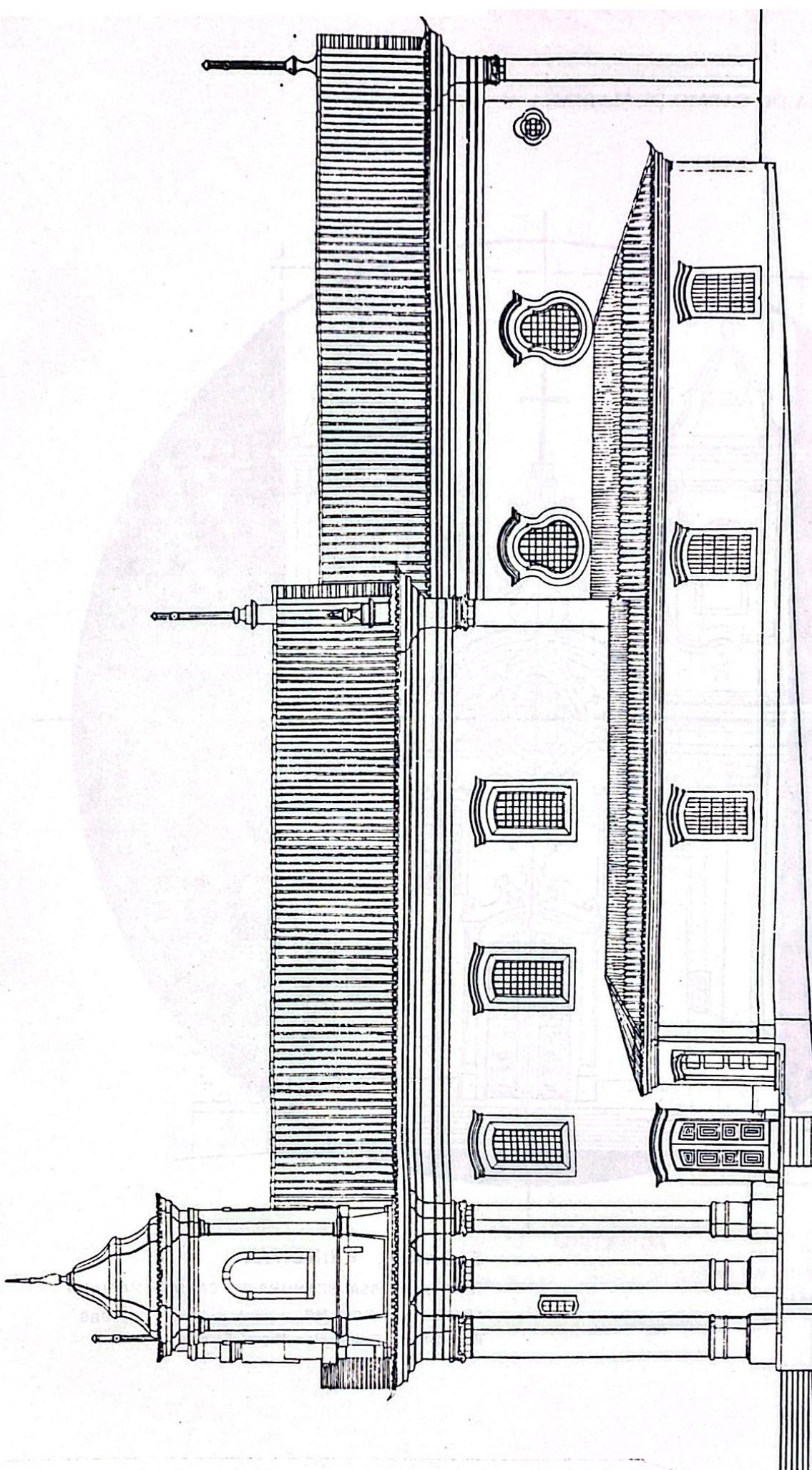


FIG. 3

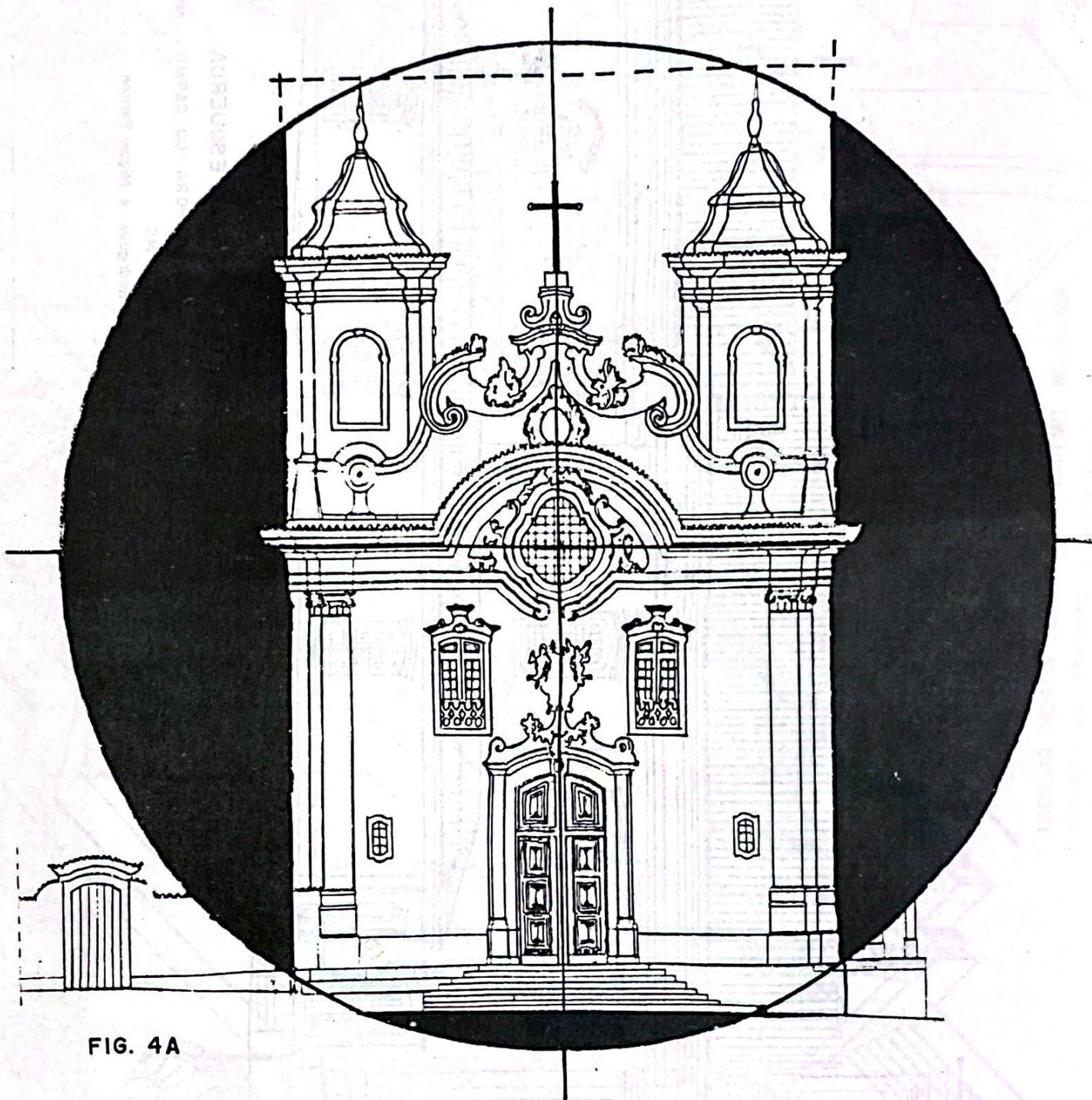


FIG. 4A

FACHADA PRINCIPAL

IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO · MARIANA

IBPC - 13ª. CR. MG

1988

Arq. Celeste Rodriguel e Miguel Ferman

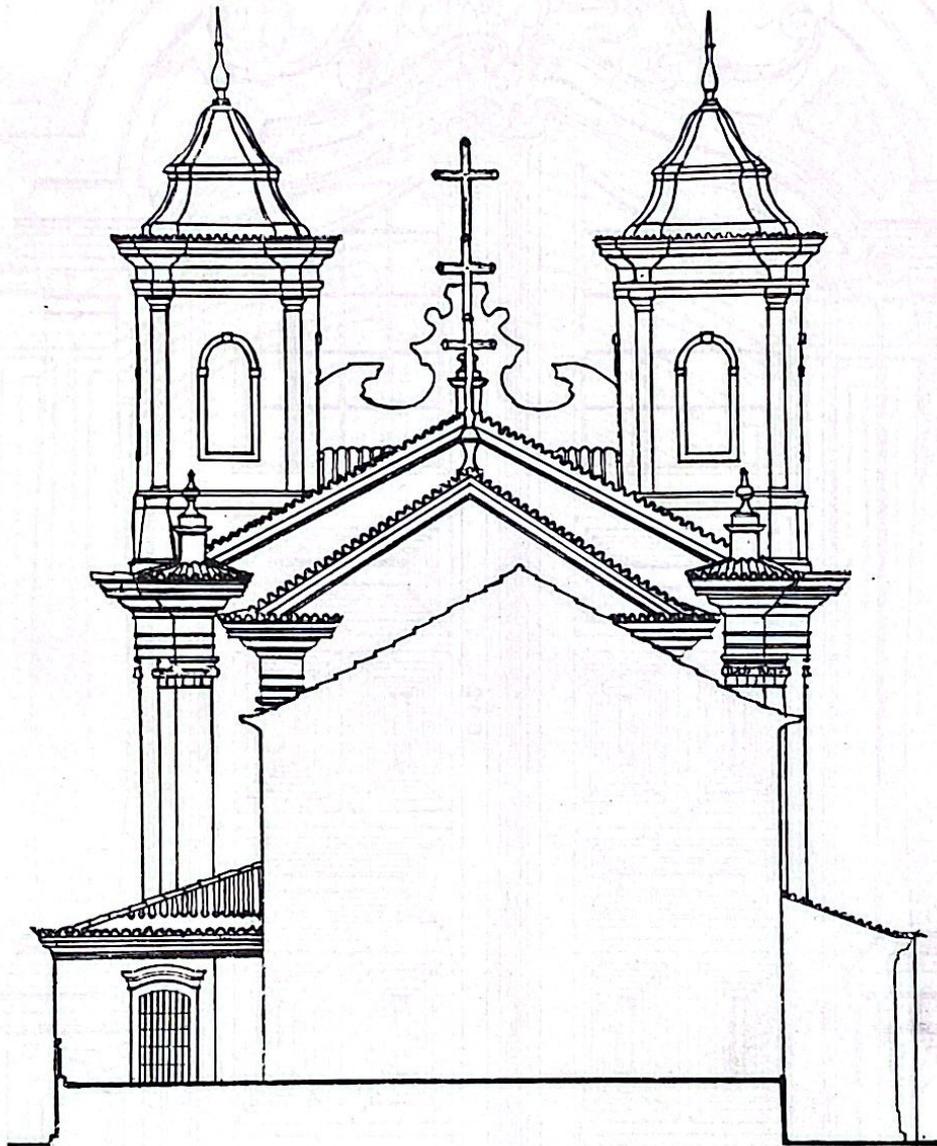


FIG. 4 B

FACHADA POSTERIOR

IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO · MARIANA

IBPC · 13 a. CR. MG

1988

Arq. Celeste Rodrigues e Miguel Ferman

PORTA PRINCIPAL

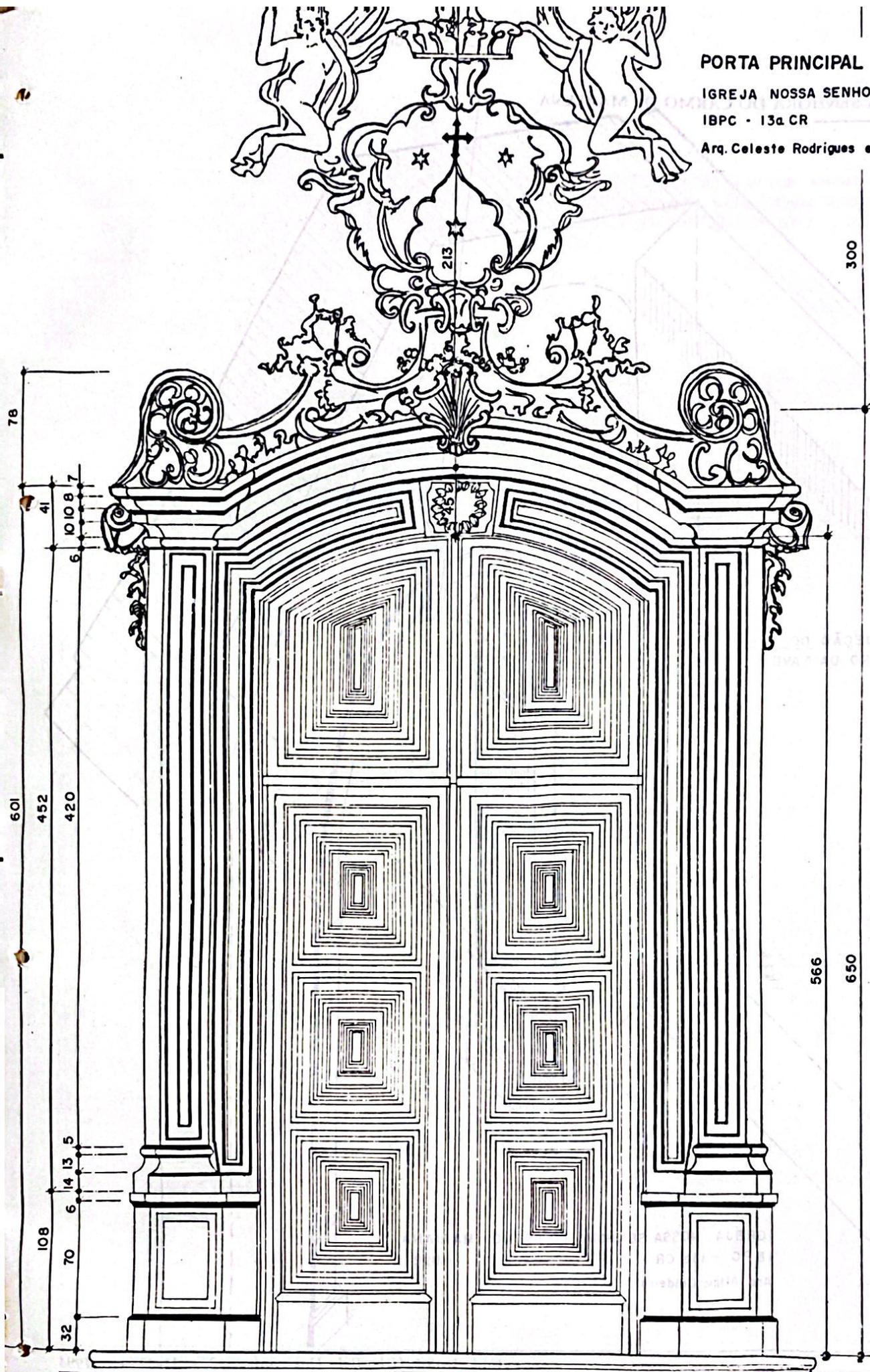
IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO - MARIANA

IBPC - 13a CR

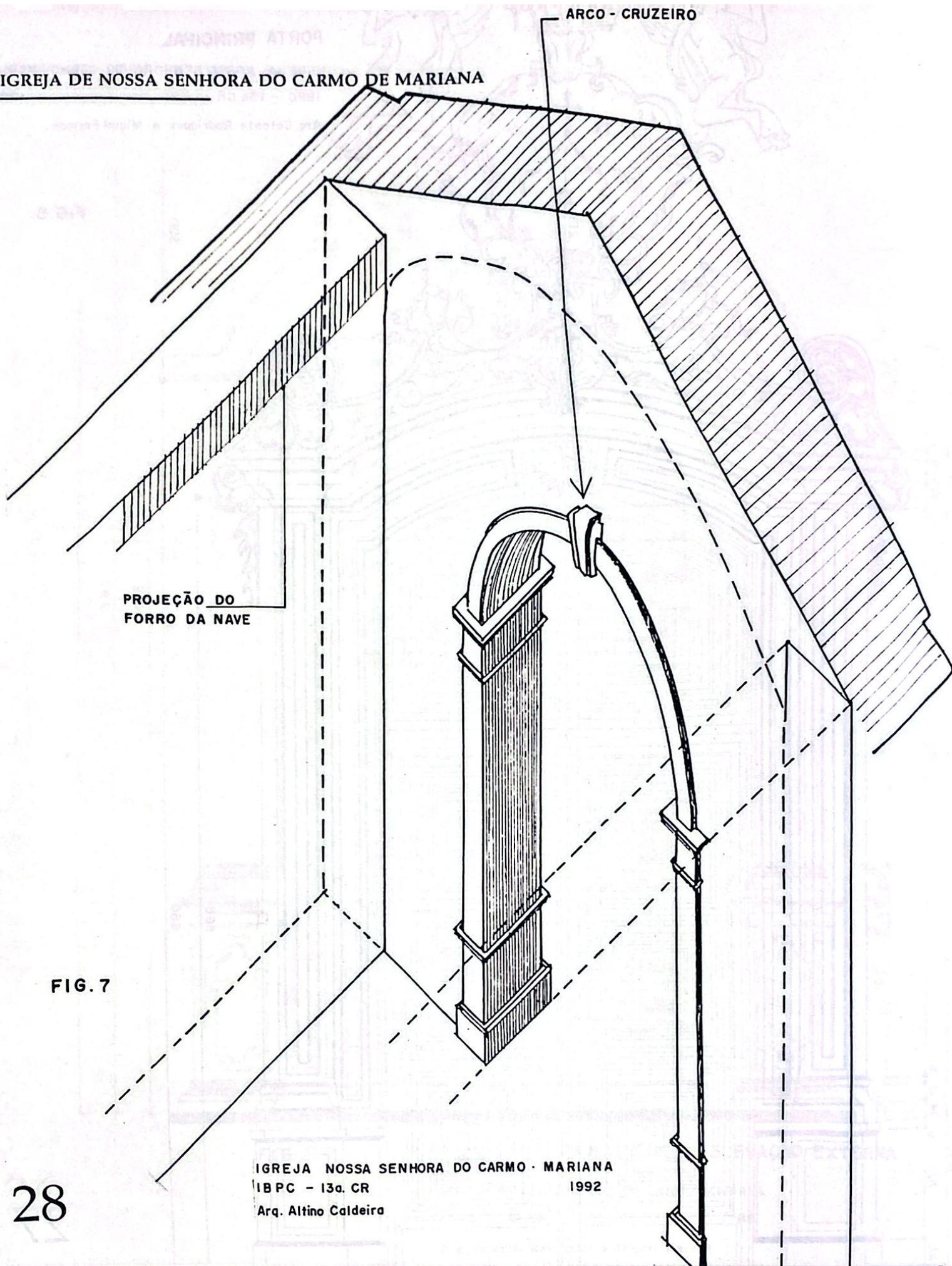
1988

Arq. Celeste Rodrigues • Miguel Ferman

FIG. 5



IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE MARIANA



CÚPULA EM ABÓBODA DO TIPO "BARRETE DE CLÉRIGO" COM DUAS ARCADAS TRANSVERSAIS E QUATRO LATERAIS FORMANDO QUATRO GOMOS AUTO-PORTANTES NO SEU CONJUNTO, TRESPASSADOS POR CAMBOTAS DE MADEIRA

TESOURA-MESTRA

RAIO = 6,70 m

ARCADA LATERAL DA CÚPULA

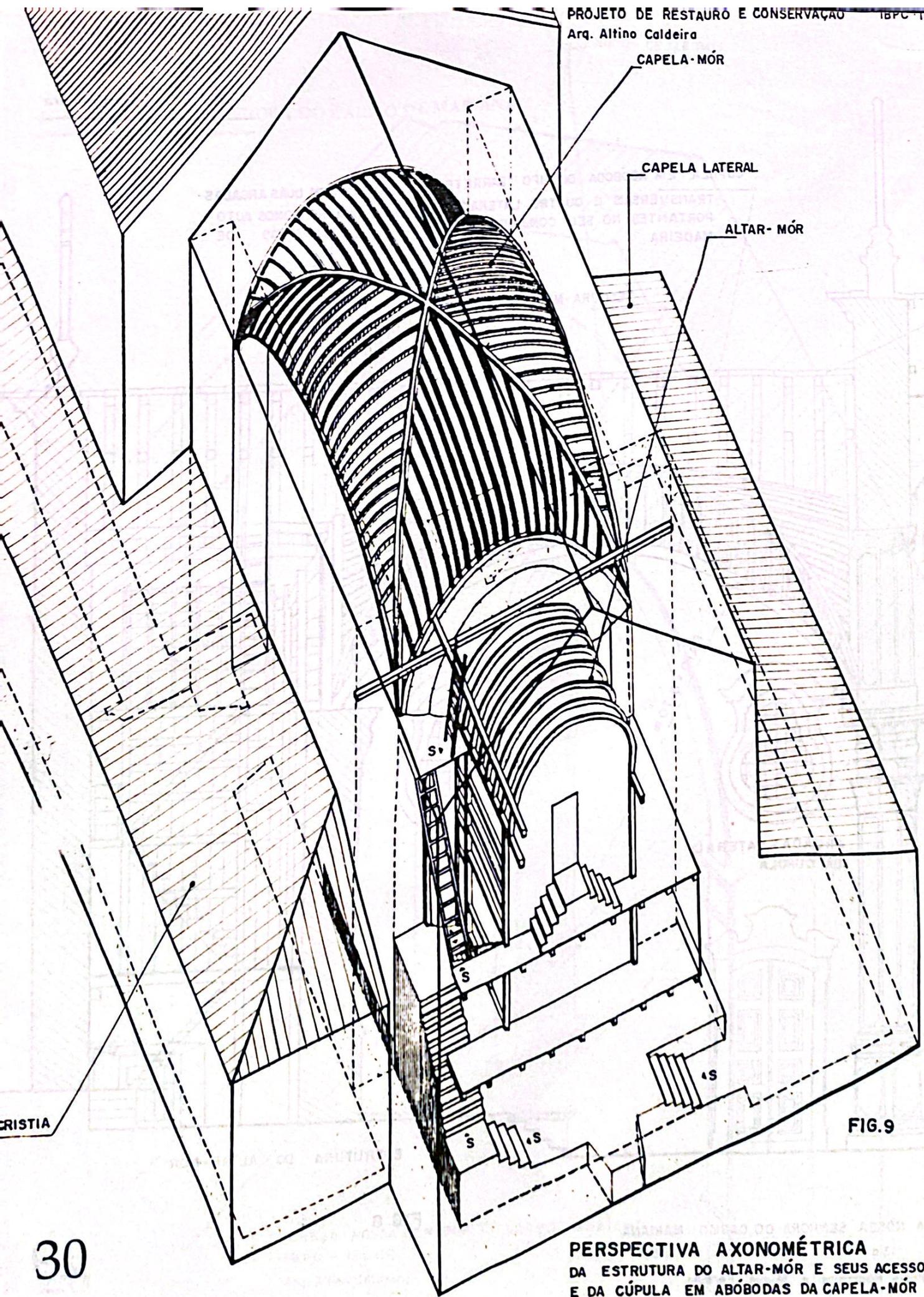
ESTRUTURA DO ALTAR-MÓR

FIG. 8

IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO - MARIANA

IBPC - 13a. CR 1988

Arq. Celeste Rodrigues e Miguel Ferman



CAPELA-MÓR

CAPELA LATERAL

ALTAR-MÓR

CRISTIA

FIG.9

30

PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA
DA ESTRUTURA DO ALTAR-MÓR E SEUS ACESSOS
E DA CÚPULA EM ABÓBODAS DA CAPELA-MÓR

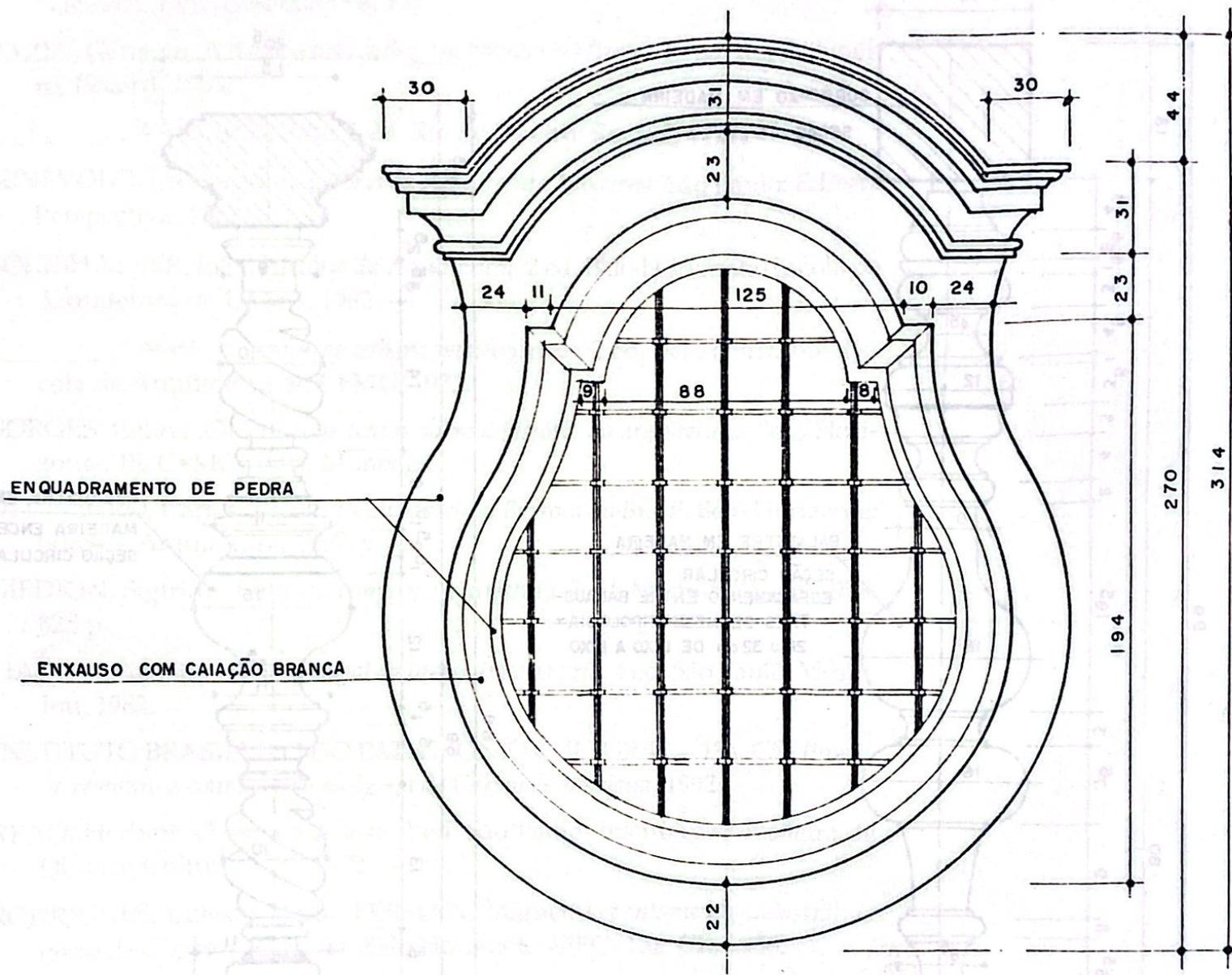


FIG.10

ÓCULO
ELEVÇÃO INTERNA/EXTERNA

IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO · MARIANA
IBPC · 13a.CR 1988 Arq. Celeste Rodrigues e Miguel Ferman

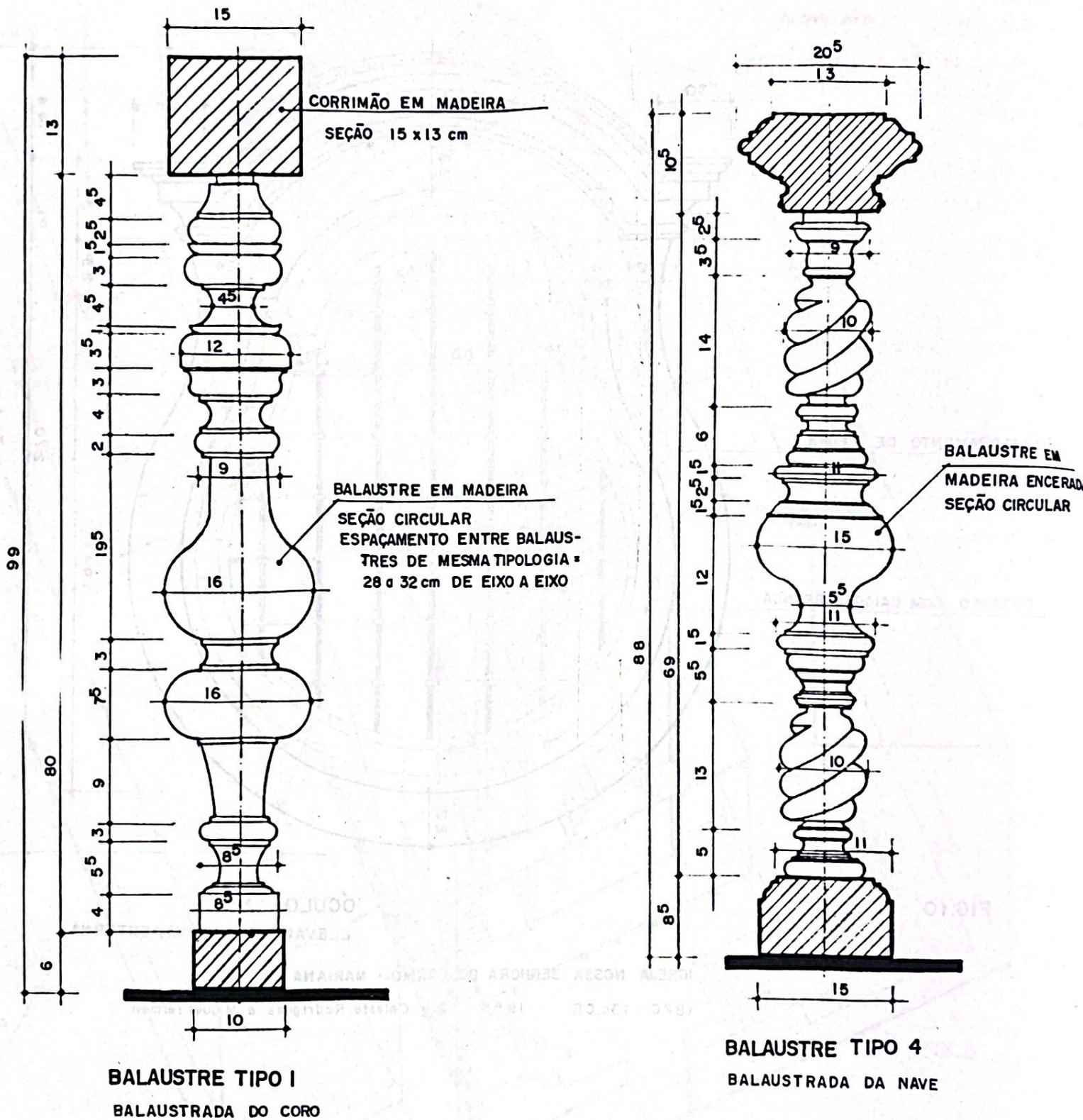


FIG.11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANTÔNIO Francisco Lisboa. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1951. (Publicações, 15).
- BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- _____. *A história da Arte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- BENÉVOLO, Leonardo. *A história da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- BOLTSHAUSER, João. *História da Arquitetura*. 2 ed. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1982.
- _____. *Noções de evolução urbana nas Américas*. 2 ed. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1973.
- BORGES, Celina. *Cadernos de textos sobre a história da arquitetura*. Belo Horizonte: PUC•MG, 1993. Mimeogr.
- DEL NEGRO, Carlos. *Escultura Ornamental Barroca do Brasil*. Belo Horizonte: Edições Arquitetura, 1967. v. 1.
- GIEDION, Sigfrido. *Espacio, tiempo y arquitectura*. 5 ed. Madrid: Bossat, 1978. 825 p.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. 4 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- INSTITUTO BRASILEIRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL – 13a. CR. *Projeto de restauro e conservação da Igreja do Carmo de Mariana*, 1992.
- READ, Herbert. *O sentido da arte*. 2 ed. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1972.
- RODRIGUES, Celeste Maria, FERMAN, Miguel. *Levantamento cadastral da Igreja do Carmo de Mariana*. Belo Horizonte: IBPC/13a. CR, 1988.
- SANTOS, Antônio Fernando. *Projeto de Restauração dos elementos artísticos da Igreja do Carmo de Mariana*. Belo Horizonte: IBPC/ 13a. CR, 1992.
- VASCONCELLOS, Salomão de. *Breviário histórico e turístico da cidade de Mariana*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947, v.18.
- WOLFFLİN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo: M. Fontes, 1989.

